

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
 Semestre..... 5\$500
 Trimestre..... 3\$000
 Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
 Semestre..... 7\$000
 Trimestre..... 4\$000
 Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
 Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1880 N. 17

Ninho de amor

Despertou ! Despertou ! Entre sonhares,
 Sorrindo, adormecera aos sons brandinhos
 De uma guitarra.... ouviam-se uns cantares....
 O somno silenciara os passarinhos...

Despertou ! Despertou ! A linda aurora
 Em doirado cochim rompe no céu ;
 Vem contemplal-a, vem ! Se erguem agora
 As aves e a guitarra....emmudeceu....

Escutou minha voz ! Do leito deixa
 A morna flacidez ; cae-lhe a madeixa
 Ao primoroso collo perfumado ;

De branco está vestida : —é da belleza
 A extrema encarnação ; tem da pureza
 O encanto ideal, o dom sagrado !

Bom dia, doce virgem peregrina,
 Casta imagem de amor !... Meu coração
 E' todo teu. eu cumpro minha sina :
 Abraso-me no fogo da paixão !

E és tu, formosa, quem a chamma atêa
 Semelhante ás vestaes. Ao teu sorrir,
 Ao teu brando fallar, surge-me á idéa,
 Cheia de luz, a estancia do porvir !

Vem e dá-me tua mão—essa feitura
 De estatuaria ! Amada creatura,
 Quero-te junto a mim ; tu és a flor

Que a vida me perfuma. Eis o caminho
 Que dá para a ventura....além um ninho :
 O céu o consagrou ao nosso amor !

A. CAMARGO.



Acrostico

Hsvelta e graciosa, a natureza,
 Cfana por mostrar os seus thesouros,
 Tindos olhos te deu, cabellos louros
 Vlvos dentes, emfim dina belleza :
 Tinda assim te formando, a formosura
 Tentou dar um sceptro e dictadura,
 Vleañando p'ra ti a realeza.

A. O.

Paulo e Virginia

O NAUFRAGIO DO «S. GERAN»

Deposição dos marinheiros salvos do naufrágio do navio « S. Geran »

O *S. Geran* sahio de Lorient a 24 de Março de 1744. Capitão L. Delamare; Malles, primeiro tenente; Paramont, segundo; Longchamps de Montendre, primeiro alferes; Lair, segundo; o cavalheiro Boette, alferes supranumerario.

A 17 de Agosto avistou terra; era a ilha Redonda. Tinha perdido dez homens na travessia, e trazia cem doentes de cama. O capitão Delamare consultou os seus officiaes sobre o partido que havia a tomar.

A noite approximava-se e a terra estava ainda a seis leguas. Era de opinião que se devia aproveitar o luar, costear as ilhas e ir fundear ao Tumolo. M. Malles e M. Lair não eram da mesma opinião. Continuou-se a navegar, com pouco panno, até ás seis horas e meia, em que se poz o navio á capa com a vella grande. Pelas duas horas depois da meia noite, M. Delamare, subio ao tombadilho e disse ao Sr. Lair, que estava de quarto:

— Já navegamos muito n'este bordo, é preciso virar.

Quando se executava a manobra e em acção já de amurar a vella grande a tribordo, a prôa do navio bateu.

As ondas que rebentaram impetuosas tomaram o navio de travez e deram com elle sobre os recifes. Pedro Tassel gritou:

— Estamos perdidos! e tocou o sino da prôa.

A este grito toda a equipagem subio ao convez implorando a misericordia de Deus. Immediatamente o capellão cantou a *Salve* e a *Ave Maria Stella*. O Sr. De-

lamare mandou abater os mastros e deu ordem aos carpinteiros para apromptarem jangadas.

Aproveitaram-se os mastros da chalupa, bem como algumas vergas do proprio navio e conduziu-se tudo para o castello da pôpa, afim de aprestar as jangadas.

Estavam porém todos tão perturbados, que não se pôde conseguir que uma só pessoa trabalhasse. O Sr. Malles exclamou então:

— Meus filhos, tratemos de arrear o escaler sobre a coberta, para melhor podermos apparelhar a chalupa e descel-a ao mar, antes que o navio sossobre. Salvar-se-hão assim algumas vidas.

Alguns marinheiros treparam á coberta para ajudar a manobra.

O escaler foi então arriado; mas ao cahir despedaçou a chalupa e fez-se elle mesmo em pedaços.

Ouvio-se um grito unisono de desespero, e a voz do Sr. M. Males que solicitava do capellão para lançar a benção geral sobre os naufragos,

(*Continua.*)



Arte da belleza

Para parecer bella, não basta querer; é preciso saber.

A intelligencia e o sentimento são as verdadeiras bases de todas as bellezas, e muito especialmente dessas a que o nankim e o creme de morangos necessitam auxiliar.

Um traço mais carregado, uma linha menos subtil, uns cilios mais profundos em um rosto que ri «farta e abundantemente,» fazem apenas o effeito d'esses enormes laços amarellos, a decorarem a s

bambolinas de um vestido verde-escuro: escancaram a extravagancia do gosto e a insensibilidade da alma!

Para que a belleza produza esse admiravel effeito de harmonia geral, encontrado por Goethe, é preciso que saiba-se ella definir.

Sem isto, sem que pela manhã, a mulher saiba suavemente abrir as rocheadas palpebras, para mostrar uns olhos tristes e magoados em que guardou durante uma noute toda velada, a meiga luz das estrellas; de que valem os tons pezadamente negros, os cilios profundissimos a accusarem, antes e melhor, desvairamentos de uma organização perigosa, do que os pacientemente soffridos desgostos de uma natureza delicada e boa?

Assim, antes ser alegre e garrulo como um folhetim de Luiz Guimarães Junior, ou vermelho como um artigo de fundo de *republicano novo*, do que triste e melancolico, dessa tristeza e dessa melancolia em que parece que toda a gente vê antes saudades pungentes pela desejada hora de refeição, do que ambição de um gozo não fruido, ou amarga recordação de um que já passou.

Ao demais d'isso, ha, oh! se ha, esplendidas bellezas alegres e rosadas.

Ha uns rostos cheios e redondos, de onde um sangue novo e puro parece a cada instante desejoso de fazer passar através de uma epiderme delicadissima uns tantos globulos escarlates, que ri com as tremulas commissuras de uns labios côr de rosa, abrindo a cada lado uma covinha aonde parece que morrerá o primeiro beijo e se sepultará o ultimo gozo.

Nelles não ha, nem arte, nem affectação, nem estudo.

Só os enflora e enfeita o sentimento da propria felicidade.

Razão porque, de todas as vezes que a belleza natural ou artisticamente obtida, não revelle o sentimento que a alimenta e faz transluzir, deixará de ser um reflexo da divindade, como a chamava José de Alencar, para ser apenas e unicamente *um engano mutuo*.

VICTOR DA CUNHA.

(Continúa)



O que eu invejo

(A UMA PERGUNTA)

Não invejo « rotschildica » riqueza
De nababo avarento e presumido;
Nem ao moço vaidoso e bem querido,
Que possui de « Narciso » igual belleza.

×

Não invejo tambem honras, nobreza,
Ou brazão de fidalgo, ou de valido;
Nem guerreiro da gloria protegido,
Nem d'um throno opulento a realza.

×

Não invejo ao pintor que em sua tela
Desenha inspiração sublime e bella,
Nem aos sabios o genio que elles têm.

×

Mas como esta minh'alma enamorada
Não s'tá de amor ainda saciada,
Muito invejo ao sultão no seu harem!

S. JUNIOR.

Me dize: quem és?...

Bien mio, por Dios te ruego
Serena el triste quebranto,
Non val tan bello llanto
Cuanto el mundo encerra em si.

ARRIASA.

Teu pranto me prende;
Me prostro a teus pés;
Não sei quem tu sejas...
Me dize: quem és?...

Por qu'é que tu choras
Assim tão afflicta?
Teus olhos se accendem...
Não chores, bonita!...

Bonita e tão joven,
Por que choras tanto?...
Eu posso valer-te:
Suspende o teu pranto.

Teu pai, teu amante,
Perdestes acaso?
Responde-me, oh! bella!
Por saber me abraço!...

Teu pranto me prende;
Me prostro a teus pés;
Não sei quem tu sejas;...
Me dize: quem és?

E' teu pranto infindo?...
Por Deus me revela
A dor que te pungel...
Tão joven! tão bella!...

Eu guardo segredo;
Protejo-te emfim;
Não chores, me conta...
Confia-te em mim.

Suspiras! arquejas
Com tanta afflicção!
Não mais em teu peito
Cabe o coração?!...

Assim enlouqueces;
Não chores, vem cá!
Não fujas, meu anjo!
Escuta...Sinhá!...

Teu choro me prende;
Me lanço a teus pés;
Galante menina,
Me dize: quem és?...

Seu rosto era o typo
D'uma rosa accessa
Onde irrorra o pranto
A maga belleza!

Alguem se approxima;
E ella suspende
O pranto perenne,
Que tanto me prende!...

E, ambas se foram...
E eu fiquei só:
Sentido por ve-la
Tão cheia de dó.

Ingrata, jámais
Me disse quem era!
Tinha os olhos d'anjo...
Peito de panthera!! (1)

DR. WALDUROFF.

**Por causa d'um primo**

(SCENA DE CIUMES)

XII

A indignação de D. Maria das Dores subiu de ponto a não poder tolerar que Olympia verberasse tão desabridamente a outra sua neta, que parecia temer respon-

(1) Este facto deu-se a bordo do paquete a vapor *Guienne*, a 25 de Maio de 1863.

der-lhe, e de seu peito soltou-se um brado energico, que acalmou por um instante a tormenta que se desencadeiava cada vez mais forte.

Apezar de apparentar igual affeição por ambas as moças, D. Maria das Dores, ou porque Isabel fosse mais joven, ou porque fosse mais carinhosa, inclinava-se a favor d'ella, sem comtudo dar disso manifestação.

— Alto! gritou ella. Não consinto que continues a dirigir semelhantes insultos a tua irmã. Apezar de velha, ainda represento perante vós alguma autoridade, e sou competente para corrigir os vossos erros, desde que eu saiba que esses erros existem. Portanto, já que não quereis, como minhas amigas, referir-me o que se passa, invoco, para isso, os direitos que me assistem, pedindo-vos que não me occulteis a mais pequena circumstancia. Quero ser juiz d'essa polemica que se debate e dar o direito a quem o tiver. Saibis que sou insuspeita n'este ponto e que se tomo esta resolução é unicamente pela vossa felicidade.

Era a primeira vez que D. Maria das Dores levantava a voz a suas netas, o que a desgostava, mas que se tornava necessario, afim de pôr um paradeiro a esta dissensão que tendia a prolongar-se, e cujas consequencias poderiam ser funestas.

Olympia, incitada ainda pelo odio que a enfurecia, sem attender á consideração que devia a sua avó, retorquiu com ar desdenhoso:

— Sim, sim, minha avó. Eu sei que a Sra. pune mais por Isabel do que por mim; verá dentro em pouco quão mal empregada é a affeição que dedica a essa ingrata.

— Olympia, não permitto que me falles

d'esse modo; é uma falta de respeito que não posso tolerar-te. Notaste, porventura, alguma vez, que eu tivesse mais predilecção por uma do que por outra? Não me martyrises mais, que eu não terei forças para supportar este tormento.

Olympia conservou-se silenciosa, enquanto D. Maria das Dores procurava com um olhar investigador tactear o animo das duas irmãs

Isabel adivinhou-lhe a intenção e com uma singeleza que nada tinha de affectada, quebrou aquella mudez.

— Avósinha, disse ella, não quero por mais tempo dilatar o seu estado de inquietação. A minha consciencia impõe-me o dever de lhe ser leal, e, como o meu coração é propheta, vou dizer-lhe qual é o movel que impelliu minha irmã a invectivar-me tão injustamente.

« Ha dous annos, como a avósinha sabe, por um motivo frivolo, eu e Olympia ficamos indifferentes com o primo, sem que suppuzessemos que elle se sentisse de modo a afastar-se de nós por tanto tempo.

« Eu, n'aquella epocha, muito criança, acostumada á sua presença, estranhei não vel-o muitos dias, e, presa de saudade, escrevi-lhe, recommendando-lhe segredo sobre a minha resolução.

« O que então lhe disse, não me recordo; o que é certo é que elle respondeu-me, promettendo continuar a corresponder-se commigo, enviando-me por essa occasião o seu retrato, que se acha agora em poder de Olympia... »

— De Olympia? atalhou a avó.

— Sim; no momento em que tomavamos das mãos da avósinha as cartas que nos pertenciam, fizemol-o tão acceleradamente e

que tudo se misturou. Eis ahí o motivo por que elle foi parar ás suas mãos.

— Ah! suspirou a avó como arrependida do que havia feito.

— E' uma innocente esta senhora! observou Olympia ironicamente.

— Silencio, Olympia. Deixa fallar tua irmã.

— Effectivamente, a nossa correspondencia trocou-se com actividade, e á proporção que eu ia crescendo, crescia igualmente commigo o affecto que lhe votava, até que um dia notei que não era uma simples amisade desinteressada que sentia por elle. Eu amava meu primo,

— Veremos qual de nós elle prefere, tornou Olympia. Se a senhora o ama, tambem eu.

— Socega, minha irmã; eu estou prompta a sacrificar-me para tornar-te feliz. Porém, deixa que eu continue a contar a nossa avósinha a historia do meu infeliz amor.

— E's um anjo, Isabel! balbuciou D. Maria das Dores.

— A paixão começava a fazer estragos em mim, e a ausencia de meu primo tornava-me os dias tristes, desalentados, e eu experimentava desejos, anciedade de vê-lo, porque queria debellar as amarguras de tão longo apartamento.

« Para isso inventei um pretexto, e de combinação com Olympia e minha avô, quiz escrever-lhe para que voltasse á nossa companhia, apezar de estar um tanto desconfiada de que minha irmã sentia por elle igual paixão...»

— Traidora! murmurou Olympia.

— Oh! Deus sabe que o não sou!

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa.)

Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

A senhora D. Margarida terminára emfim os preparativos de jornada, sem que a menor omissão se pudesse notar á sua providencia maternal. E quanta resignação não lhe fôra precisa!

Passamos á sala do almoço e cada vez a tristeza a tornar-se maior! Fazia lembrar um d'estes dias de inverno, em que a escuridade cresce, cresce cada vez mais, até rebentar a chuva.

A mãe e o filho surprehendiam-se por vezes, olhando um para o outro, com os olhos arrasados de lagrimas.

Emfim o momento chegou.

Tive eu de annuncial-o; d'outro modo, quando chegaria?

— Vamos?—vi-me forçado a dizer.

Um olhar, dolorosamente expressivo, trocado entre os dois, seguiu-se a esta palavra.

— Adeus, meu filho!—disse a senhora de Entre-arroios, desfallecendo-lhe a voz.

O resto imaginai-o como a experiencia vol-o terá mostrado, se não sois privilegiados do destino.

Um abraço prolongado, em que mãe e filho se cobriram de lagrimas e beijos, annunciou aquella primeira separação.

— Então, então, Thomaz, mostra-te homem—dizia a senhora de Entre-arroios suffocada em pranto,—isto é uma criancice. Dentro em poucos annos voltarás e... has-de de ser feliz, prometto-te.

— Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e lembre-se de... de Paulina.

— E qual é a mãe que se não lembra de seus filhos?

Thomaz desprendeuse-lhe afinal dos braços e dirigiu-se commigo, que não partia tambem sem saudades, para a proxima estação das diligencias do Porto.

Da casa de Entre-arroios avistava-se, n'uma grande extensão, o caminho que seguíamos ambos e assim, a cada passo,

paravamos na carreira para que Thomaz lançasse mais uma vez, um olhar de despedida áquellas janellas, com as quaes tantas recordações deixava, e d'onde a mãe lhe enviava o ultimo adeus.

Perdemol-as emfim de vista e por largo tempo caminhamos silenciosos ao lado um do outro.

O caminho que seguíamos, estreito e orlado de silvas, conduziu-nos a um pequeno largo, coberto de relva, no centro do qual se elevava um cruzeiro de pedra. Frondosos carvalhos assombravam este logar solitario e imprimiam-lhe um aspecto verdadeiramente pittoresco. Quando nos approximavamos, pareceu-me divisar no pedestal da cruz um vulto, que a meia obscuridade, que se conservava alli, me não deixou reconhecer logo. Thomaz, com os olhos abaixados, não attentára n'elle. Mas perto percebi esta fórma mover-se, attrahida ao que parecia, pelo ruido dos nossos passos; ao ver-nos, ergueu-se subitamente e reconheci-a.

Era Paulina.

(Continúa)



MOSAICO

Epigramma bestialogico

A FEBRE AMARELLA E SEU TRATAMENTO

E' de intuição singela
Que as substancias asnaticas
Juntas ás graixas lymphaticas
Produzem febre amarella.

E bem assim se revela
A fonte da febre aquatica,
D'envolta com a dôr tymptica
Quando cõe a espinhella.

Além da morbesidade,
Que affecta os vificos seres
E tem por base os prazeres
Na cega oportunidade.

E o ar mephisto que esconde,
Vibriões athomatorios,
Germinacios infusorios
Creados, quem sabe onde ? !...

Emquanto indaga a sciencia.
Nas arcas dos seus portentos,
Eu proclamo aos quatro ventos
Da pratica a experiencia...

E confrontando o equinocio,
Aqui prescrevo a receita,
Seguindo em linha direita
A conclusão do negocio

Fica entendido e patente
Como remedio empregado :
Ser tres berros de veado
Uma dóze assás potente.

A dieta é a seguinte :
Costellas de marimbondos
Na inxundia de perni-longos
Fritas (não mais de vinte).

No caso de haver carestia
Ou se o doente fôr mofino :
Mil grammas de som de sino
Assombrarão a molestia.

Mas si fôr um estrangeiro,
E esse não chegado ha muito,
Só risadas de defunto
Farão furtal-o ao coveiro.

Com esta cura synoptica
Os males occasionados,
De seus cursos transviados,
Negam-se aos gonzos da exotica.

E suspenso este hemispherio
A's platafórmias aérias....
Fugindo as drogas sidérias
Tranca a porta o cemiterio !...

DR. LUIZ CARDOSO.



Um sugeito, que não gozava de muito boa fama, escreveu por cima da porta de sua casa estas palavras:

— Nada máu entrará por esta porta.

Alguem que passava, vendo a inscripção, pergunteu:

— Então por onde entra o dono da casa ?

Se o orgulhoso pudesse ver a pouca ou nenhuma falta que fará, depois de morto, não se vangloraria tanto da brilhante figura que imagina fazer.

×

Um individuo foi visitar um cemiterio e vendo uma caveira, perguntou a um dos encarregados do cemiterio :

- De quem será esta caveira?
- Foi de um celebre artista pintor!

Passados alguns minutos o visitante vendo outra caveira mais pequena, perguntou ao mesmo homem : e esta caveirinha de quem seria?

— Foi do mesmo artista quando elle era menino!

×

Um pintor de mediocre talento applicou-se à medicina, e quando se lhe perguntou a razão d'isso, respondeu :

— E' porque na pintura todos os erros estão expostos ao publico, e na medicina são enterrados com o doente e ninguem os conhece.



CHARADAS

O Sr. M. J. C. Deveza foi o decifrador das ultimas que eram: Linguado, Rosario.

Qualquer cantor me conhece,)
Sendo cantor de preceito) 1

Para certas enfermidades)
Sirvo de algum proveito:) 1

Vamos, vamos, quanto antes)
Ver o que diz o conceito) 1

E' saborosa e delicada
E secca não vale nada.

A consciencia não dá contas senão a Deus; entra-se n'ella pela persuasão e não pela força, E' uma flor que se abre aos raios do sol e se fecha aos ventos da tempestade.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos durante o mez de Novembro :

Revista Brasileira, Mequetrefe, Messenger du Bresil, Revista Illustrada, Gazeta da Manhã, Monitor Campista, Monitor Fidelense, A Alvorada, O Eleitor, Monitor Sul Mineiro, Aurora Barramansense, Rezendense, e Pharol de Juiz de Fôra.

— *A Mãe de Familia*, excellente publicação redigida pelo Dr. Carlos Costa, editada pelos Srs. Lombaerts & C.

Agradecemos.



EXPEDIENTE

Pedimos aos cavalheiros que nos enviarem artigos de sua collaboraçãõ o obsequio de assignal-os, sem o que não serão publicados.

Dos muitos que temos recebido, só me rece publicidade o que tem por titulo *Lagrimas*, e que não sahiu ainda por falta de espaço.

Os autographos não serão restituídos.

×

Aos nossos assignantes, cujo praso termina com o presente numero, pedimos queiram mandar reformar suas assignaturas, o que muito agradecemos.